

RESENHA

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

Carlos Wellington Soares Martins
Doutorando em Políticas Públicas – Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Bibliotecário – UFMA

A filósofa estadunidense de orientação pós-estruturalista, Judith Butler, figura como um dos nomes mais importantes para refletir temas voltados à questão judaica, filosofia política e ética, no entanto, são as suas contribuições acerca da categoria Gênero que chamam atenção e a tornaram um nome recorrente no debate, não só na academia, como também nos movimentos sociais identitários. Seu livro mais conhecido no Brasil intitula-se “Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade” lançado no início da década de 90 nos EUA e muito tardiamente em 2013 no Brasil, lançamento este impulsionado pela inserção da identidade de gênero nas discussões nos mais diversos âmbitos: midiáticos, políticos, educacionais e institucionais no país.

Na obra, importante para a problematização de várias categorias que englobam o gênero, apresenta uma discussão acerca do corpo, sexo, gênero e desejo percorrendo sobre inflexões feitas em estudos e análise de grandes nomes na história como: Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Jacques Lacan e Sigmund Freud. O livro é dividido em três capítulos e uma conclusão.

No primeiro capítulo “Sujeitos do sexo/gênero/desejo” Butler problematiza, em especial no legado de Beauvoir, Gayle Rubin e Irigaray, alguns conceitos cristalizados e naturalizados na sociedade como Homem/Mulher e Masculino/Feminino enfatizando que tal classificação se dá por conta de uma binaridade latente presente nos sujeitos que refletem acerca da sociedade decorrente de uma heterossexualidade compulsória marcada pelo falocentrismo. Essa categorização perpassa por uma relação de poder que se expressa em uma linguagem, que por sua vez, assume caráter político, ou seja, só se é alguém no momento em que facilmente seja identificado seu sexo biológico, e, por conseguinte seu lugar no mundo, como também facilitará sua inclusão no ordenamento jurídico

vigente. Tudo aquilo que foge a norma torna-se abjeto, marginalizado, com dificuldade para inserção no meio social. Butler critica a construção da identidade como algo que tenha começo, meio e fim, com um caráter determinista, sua compreensão entende que este processo seja contínuo e revelado pela forma como o sujeito se expressa no mundo.

A psicanálise e seus grandes expoentes como Freud, Lacan e Riviere tem em seus postulados a centralidade do debate no segundo capítulo da obra de Butler: “Proibição, psicanálise e a produção da matriz heterossexual”, desde o cerceamento das liberdades sexuais incorrendo nos mais diversos traumas e na constatação de que a regulação destas identidades, seus corpos e desejos se manifesta pela proibição, tanto em se expressar da forma que lhe é conveniente quanto de viver seu desejo sem medo de represálias. A tentativa de simplificar o debate acerca da identidade de gênero contribui para hegemonia da heterossexualidade compulsória, o que por sua vez, denota a complexidade de assimilação que o fenômeno exige no interior de uma economia sexual masculinista.

No terceiro capítulo “Atos corporais subversivos”, Butler discorre sobre as posições de Julia Kristeva e seu conceito de corpo-política, analisa as digressões de Foucault sobre os diários da intersexual Herculine e a “desintegração” de corpos culturalmente constituídos de Monique Wittig. É neste capítulo que ganha força a formulação de Butler sobre a performatividade de gênero como forma de subverter a ordem heteronormativa vigente sob os corpos, a sexualidade e o desejo resultando numa ressignificação para além do binarismo presente na sociedade.

Na conclusão de sua obra intitulada “Da paródia a política” Butler sugere que a desconstrução da identidade não é fator que implicará na desconstrução da política, mas reafirma a necessidade de problematizar categorias cristalizadas tanto no meio acadêmico quanto na militância que engessam a luta e dividem esforços, mas sim que tais postulações que envolvem o corpo, o sexo e o desejo alcançariam níveis maiores de expressão e articulação no meio social que acabariam por colocar em cheque o binarismo latente e atestar sua fragilidade frente a um mundo que sempre se mostrou diverso e plural.